



Luiz Gustavo Cruz: o aplicativo desenvolvido na faculdade valeu um emprego

# HÁ VAGAS NO SMARTPHONE

Programadores que criam aplicativos para celulares são disputadíssimos no mercado

RENATA COSTA

→ No início do ano de 2009, o então estudante de ciência da computação Luiz Gustavo Gesswein Cruz, de 25 anos, ajudou um homem cego a atravessar uma rua em Porto Alegre. Observando a dificuldade que o deficiente visual tinha ao andar pela cidade, Cruz teve a ideia de criar um aplicativo para ajudá-lo. O programa, para smartphones com Android, avisaria sobre obstáculos que estivessem no caminho. Como não tinha experiência nesse tipo de desenvolvimento, ele teve de ir em busca de informações. "Aprendi tudo sozinho, em fóruns na internet", diz. O projeto, apresentado como trabalho de conclusão de curso na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), rendeu um emprego para Cruz. Ele foi rapidamente recrutado pela Softmóvel, empresa que desenvolve aplicativos para smartphone.

Conseguir pessoas com algum conhecimento no desenvolvimento de aplicativos para celular é um

desafio para as empresas. "O mercado está superaquecido e não há como suprir essa demanda tão rapidamente", diz Luciana Miranda, gerente de projeto de aplicativos para celulares do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife [Cesar]. São raros os profissionais como Luiz Eugênio Fernandes Tenorio, que, desde 2005, desenvolve aplicativos para celulares no Cesar. "Comecei com Java. Depois trabalhei com Android, iPhone, e, agora, Bada", conta.

Profissionais que trabalham com várias plataformas são os mais disputados. "Já é difícil achar um programador que conheça bem uma única plataforma. Imagine para trabalhar com várias", diz Léo Xavier, CEO da Pontomobi, empresa especializada em marketing móvel. Para melhorar o recrutamento de talentos, a Pontomobi, que antes atuava principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, comprou uma empresa em Recife. A ideia era ficar próxima ao Cesar. "Em um ano passa-



Guilherme Santa Rosa: o VP de tecnologia da Mowa busca talentos na universidade

## FESTIVAL DA MOBILIDADE

O aplicativo Navita Sports, que divulga resultados de eventos esportivos, foi um dos vencedores do Mobile Fest 2010 — Festival Internacional de Criatividade Móvel, que teve sua quarta edição realizada em setembro, em São Paulo, com mais de 1 000 participantes. "Já temos 1,5 milhão de usuários em 127 países", conta Fabio Nunes, diretor de tecnologia da Navita, criadora do programa. O aplicativo está disponível para Android e BlackBerry. Para Marcelo Godoy, um dos criadores do Mobile Fest, o Brasil tem potencial enorme na área. "Os desenvolvedores brasileiros pensam nas múltiplas plataformas, por isso atingem um público maior. Nos outros países, o desenvolvimento é mais para o iPhone."

mos de quatro a 22 desenvolvedores. E continuamos contratando", afirma Xavier.

Em São Paulo, o salário de um desenvolvedor com três anos de experiência pode ultrapassar 6 000 reais, enquanto o de um iniciante fica em torno de 3 500 reais. Os profissionais vêm, normalmente, dos cursos de engenharia, ciência da computação e outros em que os alunos aprendem a programar. Geralmente, os desenvolvedores saem da universidade sem conhecimento específico de plataformas móveis. Quem tem esse conhecimento é, claro, mais valorizado pelas empresas (veja a matéria *O Windows Phone vai ao Twitter*, na pág. 174).

### O básico faz a diferença

Tenorio, do Cesar, diz que ter uma boa formação nas disciplinas básicas de programação ajuda muito. "Para trabalhar com sistemas para celular é preciso conhecer profundamente algoritmos e estrutura de dados", explica. Por conta do aquecido mercado de desenvolvimento para celular, os cursos universitários estão enfatizando o estudo de interfaces, observa o professor Márcio Minho, da Faculdade de informática da PUC-RS. "Essa não era uma preocupação tão forte no desenvolvimento de programas para computadores ou para a web quanto é para os celulares", avalia.

Embora as universidades estejam apenas começando a dar noções de aplicativos móveis a seus alunos, elas ainda são o melhor celeiro de talentos. A Mowa, empresa de soluções de mobilidade, tem parceria com a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Sete dos seus 15 desenvolvedores saíram de lá. "Estamos na oitava geração de estagiários, investindo na formação deles. No mercado, são considerados ouro", diz Guilherme Santa Rosa, VP de tecnologia da Mowa. Além dos estagiários e funcionários, Guilherme também conta com colaboradores externos, para atuar em projetos específicos.

As operadoras também têm dado atenção a esses profissionais independentes. A Vivo lançou, no primeiro semestre, um portal para desenvolvedores, onde podem ser cadastrados os programas criados. Em setembro, tinha 700 aplicativos e jogos. Depois da fase de testes, os programas são postos à venda no site da Vivo. "Destinamos 70% do preço de venda ao desenvolvedor", explica Hugo Janeba, vice-presidente de marketing e inovação da Vivo.

Mesmo com toda agitação do mercado de programas para smartphones, os especialistas já se preparam para um novo desafio: os tablets. Desenvolver aplicativos para o iPad e outros produtos da categoria é um trabalho semelhante ao de criar aplicativos para celulares. "Os clientes já começam a nos encomendar projetos", diz Santa Rosa.